



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v22i00.8676924>

Artigo Original

Karate e masculinidade no filme *A arte da autodefesa*: vestígios do real

Karate and masculinity in the filme The art of self-defense: traces of the real

Karate y masculinidad en la película El arte de la defensa personal: huellas de lo real

Fabio Augusto Pucineli¹ 

RESUMO

A presente pesquisa é um estudo descritivo do filme *A Arte da Autodefesa*. Dentre os diversos elementos para serem discutidos nesta obra cinematográfica, destaco dois problemas: primeiro é quanto à constituição social dos corpos pela violência associada à masculinidade; a segunda problemática situa-se na própria constituição modernizada do karate: o que se tem feito dessa prática corporal combativa na modernidade? Para isso, optei pela decupagem cena a cena, enquanto discuto seus elementos, tensionando a partir dos referenciais teóricos: em especial obras de Bourdieu e Trevisan. O filme traz de maneira burlesca situações do real que demandam urgentes discussões, tais como a masculinidade e sobre como a prática do karate na modernidade tem reforçado certos estereótipos.

Palavras-chave: Artes marciais. Lutas. Defesa pessoal. Filmes cinematográficos.

¹ Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro-SP, Brasil.

Correspondência:

Fabio Augusto Pucineli. Instituto de Biociências. Departamento de Educação Física. Av. 24-A, 1515, Rio Claro – SP, CEP 13506-900. Email: fabio.pucineli@unesp.br



ABSTRACT

This research is a descriptive study of the film *The Art of Self-Defense*. Among the various elements to be discussed in this cinematographic work, I highlight two problems: the first is the social constitution of bodies through violence associated with masculinity; the second problem lies in the modernized constitution of karate itself: what has become of this combative body practice in modern times? To do this, I opted for scene-by-scene decoupage, while discussing its elements, drawing tension from theoretical references: in particular the works of Bourdieu and Trevisan. The film burlesques real-life situations that require urgent discussions, such as masculinity and how the practice of karate in modern times has reinforced certain stereotypes.

Keywords: Martial arts. Combats. Self defense. Motion Pictures.

RESUMEN

Esta investigación es un estudio descriptivo de la película *El arte de la defensa personal*. Entre los diversos elementos a discutir en esta película, me gustaría destacar dos problemas: el primero es la constitución social de los cuerpos a través de la violencia asociada a la masculinidad; el segundo problema radica en la constitución modernizada del propio karate: ¿qué se ha hecho de esta práctica corporal combativa en los tiempos modernos? Para ello, he optado por un decoupage escena por escena, al tiempo que discuto sus elementos, tensando las referencias teóricas: en particular, los trabajos de Bourdieu y Trevisan. La película burla situaciones de la vida real que requieren una discusión urgente, como la masculinidad y cómo la práctica del kárate en los tiempos modernos ha reforzado ciertos estereotipos.

Palabras Clave: Artes marciales. Luchas. Defensa personal. Películas Cinematográficas.

INTRODUÇÃO

Maio de 2019, em meio a insônia numa demorada e tediosa viagem de ida ao Japão, deparo-me com *A Arte da Autodefesa* no catálogo de filmes disponibilizado pela companhia aérea. Lançado no mesmo ano, e dirigido por Riley Stearns, a película trazia em sua capa excêntricos personagens dispostos num fundo amarelo, em cômicas posições de combate. Passei os olhos pela sinopse, notei a palavra “*karate*”, e achei que pudesse ser um descompromissado besteiro qualquer associado ao que pratico e estudo desde criança, o que finalmente me faria dormir.

Porém, o resultado foi totalmente inverso. Acabei me envolvendo com o enredo de absurdos e acompanhei o longa-metragem até o fim, que me deixou atônito (e ainda mais sem sono). Fui praticamente golpeado pelo filme! Não era uma simples comédia. Aliás, não é uma comédia! É trágico, corrosivo, assustador, debochado e sarcástico. Recordo-me da minha temporária paralisia na poltrona do avião quando o filme terminou, e de ter soltado um espontâneo e necessário palavrão, para me recompor.

Passado esse choque inicial, suspendi os afetos provocados pelo encontro com a obra, e me concentrei no estágio que faria no outro lado do mundo, além de me dedicar ao karate², visitando Okinawa em duas oportunidades, na ocasião. Mas a experiência de ter assistido, ocasionalmente me suscitava provocações. Muitas vezes, situações do filme rememoravam-se de maneira espontânea e inesperada em mim, atravessando-me afetivamente. Tanto é que uma das primeiras coisas que fiz quando retornei ao Brasil, após seis meses, foi rever a película. A cada nova apreciação, mais detalhes eram notados, e mais eu me intrigava com a obra.

No enredo, um pacato cidadão comum, que leva sua vida, entre trabalho e convivência com seu melhor amigo (um simpático *dachshund*), tem sua rotina totalmente alterada depois que é espancado por uma gangue. O acontecimento provocará diversas transformações em Casey Davies, vivido pelo ator Jesse Adam Eisenberg. Apesar de passar dias internado, as marcas que irá carregar não serão necessariamente físicas. Tomado pelo medo, sentindo-se indefeso e constantemente ameaçado por uma sociedade potencialmente hostil, parece se isolar ainda mais.

Casey busca recorrer a uma arma de fogo como recurso para autodefesa. Mas inesperadamente encontra no karate um aliado aparentemente mais potente para se defender. Assim, dentre os diversos elementos para serem discutidos nesta obra cinematográfica, esta pesquisa destaca dois problemas. O primeiro é

² Para este artigo, opto pela escrita padronizada internacionalmente da palavra “karate”, sem o acento circunflexo.

quanto à constituição social dos corpos pela violência associada à masculinidade, e como essa questão é trazida de forma caricata e ácida na película. A segunda problemática situa-se na própria constituição modernizada do karate: o que se tem feito dessa prática corporal combativa na modernidade?

BUNKAI

Durante o referido estágio que realizei na prefeitura de Toyama, uma das minhas incumbências foi auxiliar no reforço escolar de crianças brasileiras residentes no município de Takaoka. Numa ocasião, um garoto precisava de ajuda em matemática. Mostrou para mim o que estava em dúvida e eu respondi a ele que para resolver o dito problema ele precisaria “fatorar”. Como notei que o aluno não compreendia o termo, mostrei como deveria proceder a operação. Imediatamente ouvi: “ah, *bunkai!*”.

Naquele momento me dei conta de que o termo utilizado para investigar as possibilidades de uso dos movimentos e sequências dos *kata* no karate era o mesmo para o tal recurso matemático. Ou seja, *bunkai* nada mais seria do que uma decomposição, um recurso para transformar um elemento através de multiplicações. Portanto, valho-me do *bunkai* como recurso metodológico para investigar o filme *A Arte da Autodefesa*. Ou seja, procuro decompor seus elementos, descrevendo seus componentes da maneira mais densa e detalhada possível, discutindo e multiplicando suas possibilidades de sentido.

Segundo a obra *Ensaio sobre a Análise Fílmica*, analisar um filme é

[...] decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, uma vez que o filme é tomado pela totalidade (Vanoye; Goliot-Leté, 2008, p. 15).

Assim, tal como um *kata*, *A Arte da Autodefesa* oferece diversos elementos e possibilidades de problematização. Tanto no *kata* quanto no referido filme, os componentes estão todos explícitos. Não há movimentos escondidos nos *kata*. Necessário se faz o apurar do olhar, para assim conseguir visualizar aquilo que já é visível. Segundo Deleuze (2018, p. 30), “se vemos poucas coisas numa imagem é porque não sabemos lê-la bem, é porque avaliamos mal tanto a sua rarefação quanto sua saturação”.

Para o filósofo francês, saturação se refere a enquadramentos cinematográficos com diversos elementos e informações. Acontece, por exemplo, um processo de saturação na cena em que Casey aparece na cama do hospital. O enquadramento começa em seu rosto e vai se afastando, mostrando cada vez mais elementos da cena. Um caso de rarefação vem logo na cena seguinte, quando ouve a mensagem na sua secretária eletrônica: o dimensionamento vai se

afunilando, apresentando destaque num único objeto, com um mínimo de componentes. O cinema ora satura, ora rarefaz, alterna as ações e, com isso, sequestra o movimento-tempo, atribuindo-lhe outras velocidades e nova espacialidade, o que provoca no/a espectador/a singulares percepções e afetos.

Afirma Michel Foucault:

o papel da filosofia não é descobrir o que está escondido, mas sim tornar visível o que precisamente é visível ou seja, fazer aparecer o que está tão próximo, tão imediato, o que está tão intimamente ligado a nós mesmos que, em função disso, não o percebemos (Foucault, 2014, p. 42).

Tanto em um filme quanto em um *kata*, não existem elementos escondidos. Tudo está dado no plano da tela, ou nas dimensões do corpo que executa uma sequência combativa do karate. Porém, de tão visíveis, de tão próximos, podem estar praticamente imperceptíveis de imediato. Faz-se necessário, então, lançar mão do *bunkai*, essa ferramenta de decomposição, de decupagem; dessa operação que torna “visível o que precisamente é visível”, para que seja possível compreender melhor suas camadas e discutir seus elementos com melhor proveito e cuidado. Assim, faço da descrição a análise propriamente dita.

“VOCÊ TEM UMA ARMA?”

A *Arte da Autodefesa* começa com um casal de franceses entrando numa pequena cafeteria. Acreditando não serem entendidos, debocham da qualidade do local, do café e também de Casey, que lá se encontrava sozinho, tomando seu suco de laranja, comendo *croissants* e lendo jornal em silêncio. Na cena seguinte, porém, é possível acompanhar Casey em seu carro, prestes a ouvir e praticar a lição 26 do curso de francês.

Na ambientação inicial, antes mesmo do ataque, evidencia-se a condição de invisível contador numa empresa. Casey tenta saudar colegas, mas é sempre ignorado. Certo dia, presencia na cozinha do trabalho uma conversa entre três funcionários. Era sobre o chefe, Grant: dariam um soco na garganta dele, colocariam uma buzina na cadeira, ou até mesmo ateariam fogo em sua residência. Ao ouvir tamanho absurdo, Casey se manifesta dizendo que a esposa de Grant estava grávida, por isso não seria boa ideia incendiar a casa. Só então o trio nota a presença do despercebido rapaz, que é repellido de maneira truculenta por eles.

Casey havia notado que folheavam uma revista. Na capa, o escudo de Marte, o rosto de um homem de uns 30 anos, barba cheia, vestindo camisa de flanela xadrez vermelha e fumando. Além disso, é possível ler a expressão que dá nome à revista (que existe!): *A Well Rounded Man* - “um homem completo”. Quando Casey pergunta sobre o periódico, o potencial incendiador simplesmente a esconde, não responde sobre ela. Casey aproveita um momento de distração para

fazer cópias das páginas, todas com apelo para uma duvidosa masculinidade.

É ao decalque, à cópia mal feita, sem cores, que recorre Casey. Ao chegar do trabalho, senta no sofá, ao lado do seu pequeno cão, e começa a folhear as páginas copiadas do periódico. No interior da revista, imagens de uma masculinidade permeada por armas, modelo de alvo de tiro com silhueta humana, lobos como animais de estimação para homens e duas páginas uma seleção de cinco “melhores” peitos femininos, ordenados hierarquicamente, nas quais não aparecem os rostos das mulheres.

A revista, que trata do que é tido como masculino, traz mulheres sem rosto, não-mulheres, objetos. O feminino num segmento do corpo que é sexualizado, e que ao mesmo tempo remete à fragilidade daqueles que ainda precisam do alimento afetivo da maternidade, que parece eternamente projetada em outras mulheres.

Em seus estudos sobre a masculinidade, o escritor e pesquisador João Silvério Trevisan afirma que “em muitas culturas antigas, sempre organizadas patriarcalmente, temia-se a força da sexualidade feminina, daí a necessidade de dominá-la com rigor” (Trevisan, 2021, p. 34). Por isso, a importante personagem Anna era a instrutora da turma de crianças: devido ao seu “instinto materno”, e jamais seria faixa preta, já que “ser mulher vai impedi-la de se tornar um homem”. Sobre Anna, virão mais detalhes adiante.

Em seu estudo sobre a masculinidade nas artes marciais e esportes de combate, o pesquisador da Universidade de Durhan, Kay Schiller, aponta que a identidade masculina ainda é construída sob diferenças simbólicas, tendo como pressuposto aspectos biológicos entre homens e mulheres (Schiller, 2020). Isso seria um importante fator para que haja predominância dos homens nas práticas corporais combativas (Maor, 2018).

Após sua breve incursão nas imagens de uma masculinidade que Casey parecia não se identificar, ele vai até a cozinha e constata que havia acabado a ração de seu animal de estimação, que não é um lobo, mas um pequeno, dócil e inofensivo “cão-salsicha”. Quando sai para comprar, é atacado covardemente. Dois componentes da gangue passam por ele e perguntam se está armado. Após a negação da vítima, os agressores aceleram a motocicleta e desaparecem para retornarem logo depois com mais uma dupla para consumir o espancamento.

Na cena seguinte, Davies é visto hospitalizado. Ao fundo, a rádio anuncia a notícia de que na noite passada um cidadão havia sido assaltado, referindo-se ao atentado. Em seguida, é anunciada uma advertência: a polícia local aconselha que as pessoas não saiam à noite e, quem precisar sair, “que saia armado”. A vida de Casey será permeada de intensas transformações depois do ataque que sofre.

Dias se passam e Casey aparece em sua casa, ouvindo o único recado que há na secretária eletrônica. É seu chefe querendo saber notícias e informando que devido ao ocorrido, teria direito a uma semana de licença remunerada, e que logo depois iriam descontar das tantas de suas férias já acumuladas. Sugere também que faça uma viagem à França, pois ouviu dizer que todos lá são pessoas amáveis. Mas o casal francês que inicia o filme mostra que esse tipo de generalização não é possível.

Casey adormece no sofá e desperta com seu cão em sua frente. Na cozinha, constata que o saco de ração está novamente vazio. Não se sabe quem cuidou do cachorro enquanto Casey estava hospitalizado, mas isso pouco importa. Sem coragem de sair à noite para o mercado, o cão deve se contentar com macarrão com carne e feijão.

Casey se senta para assistir à TV enquanto se alimenta. A cena que assiste é de um filme sem cores, tal como as imagens das páginas copiadas da revista. Dois homens num galpão, um deles sendo encurralado, caído e dizendo: "não era para ser assim, eu deveria vencer! Você não seguiu as regras!" (A Arte..., 2019, 11min). Após dizer que nunca houve nenhuma regra, o homem em pé atira e mata aquele que estava no chão.

Casey imediatamente retoma em suas mãos a cópia da revista, e vai para as páginas com fotos de armas. No dia seguinte, como forma de se defender, recorre a uma loja de armamentos. Lá é advertido pelo vendedor sobre ter cuidado, já que havia mencionado autodefesa como motivo para adquirir o implemento: "Uma vítima armada tem muito mais chances de acabar morta do que uma desarmada. O suicídio é mais comum entre proprietários de armas" (A Arte..., 2019, 12min). Sorrindo, finaliza: "você vai adorar ter uma arma!" (A Arte..., 2019, 13min).

Contudo, a ideia de sair já portando a pistola escolhida, o suposto recurso defensivo, é frustrada quando o vendedor diz que é preciso primeiro uma aprovação da documentação, e adverte: "se alguém estiver furioso com outra pessoa, não pode comprar uma arma e atirar nela. Precisa esperar um pouco para fazer isso" (A Arte..., 2019, 12min). Desapontado por sair do estabelecimento de mãos vazias, Casey nota um *dojo* de *karate* pelo caminho, onde entra e acompanha uma sessão de prática.

No local, pode-se observar os alunos enfileirados por ordem de graduação, realizando uma sequência de socos parados. Ao fundo, a imagem em memória de um tal "grão-mestre", segurando uma espada, usando uma vestimenta vermelha e uma faixa "arco-íris", simbolizando uma suposta elevada graduação, que ele mesmo havia se concedido. Interessante que num ambiente tão másculo, o grande mestre da escola usa uma faixa cuja combinação de cores se assemelha à colorida bandeira confeccionada em 1978 por Gilbert Bake, inspirado na canção pela paz, *Over the Rainbow*.

A questionável prática de conceder a si mesmo uma graduação não é somente ficcional. De forma pitoresca, o filme também critica essa estratégia que certos praticantes adotam para subirem de nível sem avaliação de seus pares. A crítica se estende também a titulações, e aos consequentes usos das supostas relações de poder que as elevadas qualificações poderiam garantir.

"MEU NOME É *SENSEI*"

Finalizada a sessão, o professor senta-se ao lado de Casey, e logo diz que seu nome é "Sensei". Numa tradução breve, o termo se refere a "pessoa que veio antes", que "tem mais experiência". Porém, na cultura japonesa, pode ser considerado um título de prestígio pelos quais as pessoas costumam chamar os professores e também os médicos, por exemplo. Por ser algo tão ilustre, constitui um grande disparate alguém se autodenominar como "*sensei*" - o que é bastante comum entre professores de karate no Brasil, por exemplo. Certamente um dos propositais deboches do filme.

Casey é convidado para uma aula. Retorna no dia seguinte, e quem está ministrando uma classe para crianças é Anna, faixa marrom, com uma listra preta e outra vermelha na ponta. Enquanto a instrutora demonstra num garoto uma técnica de estrangulamento, Casey pode ser visto junto com famílias que acompanham passivas, ao desmaiar do menino. Atrás dele, a regra número 11: "armas são para os fracos".

Casey recebe uma vestimenta e, no vestiário, dois rapazes seminus, discutem sobre como sair de um agarramento no pescoço, por trás. Em seguida, Henry, faixa azul, aparece em cena, e comenta com Casey sobre a investigação combativa dos colegas: "Há muita testosterona neste *dojo*. É o hormônio masculino. As mulheres produzem também, mas os homens produzem mais" (A Arte..., 2019, 20min) - um explícito exemplo de uma visão essencialista que busca validar as diferenças entre os sexos a partir de um viés científico.

Neste sentido, o escritor e pesquisador José Silvério Trevisan adverte que

não se pode falar do biológico sem mencionar a interferência das imposições sociais que produzem as determinações de gênero (Trevisan, 2021, p. 53).

Segundo o autor, "o masculino e o feminino não podem ser tomados como realidades objetivas, naturais e imutáveis" (Trevisan, 2021, p. 54). Assim, é possível afirmar que uma das principais críticas do filme é sobre a masculinidade, sendo ela a principal forma de violência do ácido e debochado enredo.

Henry explica brevemente sobre a ordem das graduações. Casey pergunta

sobre as listras das faixas, que representariam “avanços e conquistas”. Seu novo colega ensina que a vermelha, em especial, indica que a pessoa matou outra em combate, mas logo depois diz que era apenas uma piada, não era sério. A listra vermelha seria para instrutores, e somente Anna e o Sensei a possuem. A preta é para alunos selecionados, acima da faixa verde, indicando quem pode participar da turma noturna.

Durante a primeira lição, aprende que deve “chutar com os punhos e socar com os pés”. Casey é bem recebido no local, tanto pelos colegas quanto pelo professor. Ele passa a ter no ambiente do karate uma atenção que não recebe em outras instâncias da vida. Acolhido pelo grupo, começa a ser visto, a fazer parte de algo: “nos grupos, a experiência é transmitida por contágio de uma pessoa a outra”, afirma o psicólogo e pesquisador israelense Israel Charny (1998, p. 186), estudioso da agressão humana. Ou seja, ele se contagia com os afetos compartilhados pelo *dojo*, já que passa a ser visto.

No dia seguinte, ao receber o telefonema da loja de armas, Casey atende à chamada vestido em seu traje de treino. O cadastro, que tem validade de seis meses, fora aprovado e ele poderia buscar a pistola que havia encomendado. Mas afirma que havia encontrado outra coisa que o protegeria. Ao que parece, a prática do karate superaria para ele a função de uma arma de fogo em sua demanda por autodefesa.

Casey se matricula, e grandes transformações em sua vida começam efetivamente a acontecer. Sua sensação de pertencimento ao grupo se consolida quando recebe a faixa amarela. A partir de então inicia-se uma fixação por essa cor: compra somente produtos amarelos no mercado; e usa sua faixa como conforto quando se sente frustrado. “Eu queria usar a faixa o tempo todo. Sinto-me inferior sem ela”, afirma Casey.

Na ocasião, Henry não recebe seu esperado convite para a turma da noite. Anna também não se torna faixa preta, mesmo tendo mais tempo de prática que Thomas, que é contemplado com a graduação.

Dois momentos fazem com que a alegria por ter recebido sua nova graduação seja questionada por Casey: logo quando sai do supermercado e é intimado por um valentão, e quando não consegue quebrar a tábua destinada a faixas amarelas. A partir de então, é chamado para uma conversa com o *sensei*, que praticamente o obriga a dizer o real motivo por ter buscado o karate. Assim, uma nova camada de transformações começa a se consolidar no enredo de sua vida.

Casey tem medo do escuro, medo de outros homens; eles o intimidam. Deseja, então, ser o que o intimida. Para isso, deve passar a ouvir heavy metal. É preciso também que deixe sua paixão pela cultura francesa de lado, e passe a se interessar pela Rússia, um país “durão”; ou Alemanha, que é “forte e competente”. Tudo deve ser “masculino”. A subjetividade de Casey deve ser reconfigurada para

tornar-se o que teme.

A primeira experiência de Casey com *metal* é com *Burst Synapse*, da banda estadunidense *Full of Hell*. Um dos versos da praticamente ininteligível letra é *Human violence turns the gears*: “A violência humana gira as engrenagens”. Tal como acontece no enredo, é a própria violência que vai trazendo novos elementos à trama, retroalimentando a si própria. No filme, a masculinidade parece ser a própria violência, que gera outras, a partir das relações de dominação que impõe.

Segundo Trevisan,

[...] o processo de ‘tornar-se mulher’ obedece a uma prescrição imposta de *fora*, pelo masculino hegemônico. Em contrapartida, ‘tornar-se homem’ obedece a um imperativo *interno* do próprio dominador (Trevisan, 2021, p. 56).

Na mesma direção, Pierre Bourdieu afirma que

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo (Bourdieu, 2021, p. 92).

Casey troca o suco de laranja (amarelo) por café, quente e preto. Começa a estudar alemão, repetindo frases como “pague a próxima rodada de cerveja ou vamos partir para briga”; “numa luta, eu vou chutar você enquanto estiver caído”, enquanto mantém na tela do seu computador no trabalho, a foto de um busto feminino. É somente o busto. Não há rosto nas mulheres. São bustos, e não mulheres. Neste momento, acontece a única aparição de Grant no filme, e é golpeado na garganta por Casey após cobrar que faça os relatórios pendentes e convidá-lo para novamente almoçar com sua família.

Logo em seguida, Casey se dirige à cozinha da empresa, onde estão os três valentões ao redor da mesa cogitando que deveriam fazer flexões. Chega dizendo para calarem a boca, e afirma que não fica só no discurso, ele age: diz que golpeou Grant e o trio fica surpreso e assustado. Casey é convidado para juntar-se a eles. Toma a cadeira daquele que anteriormente era dono da revista e convoca seus colegas a fazer flexões, que obedecem imediatamente. Casey é despedido.

Mas Casey é também convidado para frequentar as aulas da turma da noite. Com inveja por ser mais graduado e não ter sido chamado, Henry também comparece. O que segue é uma das cenas mais inesperadas e chocantes do filme: o *sensei* convida-o para demonstrar uma técnica, e quebra seu braço de forma brutal. Finaliza dizendo para que o faixa azul jamais apareça no *dojo* novamente. Mas Henry aparece, com o gesso da cor azul, e de maneira trágica.

Vale apontar que, antes de ir para o treino noturno, Casey caminha de um lado a outro de sua sala. As cortinas estão entreabertas. De um lado vê-se a cor original, amarela; do outro, a cortina está avermelhada devido a luzes de fora. A transição entre essas cores acontece em diversas outras cenas do filme. O amarelo parece ser o próprio Casey, que inclusive em praticamente todo o filme usa uma camiseta dessa cor. O vermelho seria para onde ele estaria se encaminhando.

O treino da noite segue com caricatos gestos de combate dois a dois e acontece sob *Blue Litmus*, também da banda *Full of Hell*. *Litmus* significa “tornassol”, um papel usado para testes de pH: a cor azul demonstra acidez. *Blue Litmus* então, é uma espécie de indicador que revela o quão ácido um filme aparentemente descompromissado pode se tornar em suas explícitas e corrosivas críticas.

Litmus revealing the unbound beast: (Tornassol revelando a besta solta:)
 The de-evolution of the human heart (A de-evolução do coração humano)
 The tissue of every single muscle, acidic. (O tecido de cada músculo, ácido)
 The neuron of every single cell, polluted. (O neurônio de cada célula, poluído)
 Whispers of thy spirit, snuffed out forever. (Sussurros do teu espírito, apagados para sempre)³

Anna solta sua besta descontando frustrações e sentimentos de injustiças naquele que recebeu a faixa preta em seu lugar. Seus músculos acidificados exclamam pelo lugar que é seu, mas que não lhe é concedido. Desfere em Thomas vários socos no rosto, após um estrangulamento. O ato é chancelado com a atitude passiva e a fala do *sensei*: “aprendam a amar esse sentimento: os ossos doendo, o peito gritando. Isso é karate” (A Arte..., 2019, 56min).

“ELA É MULHER, ENTÃO TEM AS MÃOS MAIS FRACAS”

Para “desaquecer”, os colegas de Casey despem-se ficando somente de cueca, ou até mesmo nus, o que faz o personagem principal do filme ficar visivelmente constrangido. Dá-se início a uma sessão de massagem e alongamento em duplas. Mas Casey é convidado para desaquecer com as supostamente fracas mãos de Anna, que espera por ele no pequeno vestiário feminino, de uso exclusivo dela.

Anna explica que quando espancou Thomas, estava provando os motivos por estar no *dojo*: “nunca se contenha” (A Arte..., 2019, 59min). Segundo ela, conter-se pode tornar a pessoa mais fraca, e não é possível ser fraco nas aulas da noite. O feminino de Anna oferece um grande risco: a denúncia da incompletude das

³ Tradução livre do autor.

masculinidades que, de tão frágeis, necessitam sempre de reforços, de provas, de afirmações, mesmo as mais banais. Finaliza seu apontamento dizendo: “este não é um lugar seguro, Casey” (A Arte..., 2019, 1h).

No dia seguinte, Casey recebe a proposta de trabalhar temporariamente no *dojo*, já que estava desempregado, e sua experiente ajuda como “faixa preta em contabilidade” seria importante na organização das finanças no local. Essa condição fará com que ele tenha maior acesso, não somente aos espaços do *dojo*, mas também às informações, o que será crucial no desdobramento da trama de transformações que foi se formando em torno do enredo de sua vida.

Na cena seguinte, Casey recebe uma ligação telefônica enquanto dormia, de madrugada. Era o *sensei*, dizendo que havia encontrado um dos agressores. Convoca seu discípulo para comparecer imediatamente a um bar, onde estaria o suposto malfeitor. O hipotético agressor supostamente teria deixado sua moto no estacionamento e estava no bar para onde Casey se encaminhou. Intimado pelo *sensei*, é ele quem será agora o agressor. Logo que o alvo sai do estabelecimento, Casey o segue até o estacionamento. Lá o bêbado urina no chão, justamente em cima de uma das faixas amarelas que delimitam o espaço entre os carros. É a faixa amarela de Casey sendo mais uma vez profanada. Casey, então, o agride com um forte soco no abdôme. O homem cai e bate a cabeça com força. “Não mexa nele”, diz o *sensei*, que segura uma câmera e registra toda a agressão.

Casey nota que ele não estava de moto, mas de bicicleta. Assustado por certificar-se de que ele não fazia parte da gangue que o havia molestado enquanto buscava ração, Casey foge correndo. Mas ao chegar a sua casa, seu cachorro está deitado no chão da sala, com o corpo rígido. Na clínica veterinária o médico afirma que o cão sofrera uma morte dolorosa, e que havia lutado bravamente contra seu agressor. Segundo o especialista, o cachorro foi golpeado com a mão, mas o padrão dos hematomas indicava um pé. O cachorro, que era tão pacífico, tranquilo e inofensivo, fora brutalmente selvagem para se defender. Nessa mesma cena, ao fundo, está o vendedor de armas, sentado, em segundo plano entre Casey e o veterinário, antecipando quais seriam os próximos acontecimentos.

“QUERIA DESCONTAR SUA FRUSTRAÇÃO EM ALGUÉM E SE TORNAR O QUE ODEIA”

No dia seguinte, Casey vai até o *dojo* e enfrenta o *sensei*. Mas o sádico professor afirma que isso seria impossível, já que estavam juntos na noite anterior. Aproveita também para dizer que viu o que Casey havia feito com aquele “rapaz inocente”, afirmando que o agora agressor sabia da inocência, mas mesmo assim não se importou porque queria simplesmente descontar sua frustração em alguém e “se tornar o que odeia”. Indignado, Casey afirma: “isso não é karate!”, e se encaminha para a saída. Porém, nesse momento, ouve: “tenho tudo gravado”. E então, sob os olhares apáticos das crianças, que estavam tendo lições com Anna,

e suas respectivas famílias, acontece uma das lutas mais constrangedoras do filme.

Casey tenta em vão agredir o *sensei*, que defende seus golpes e ainda o arremessa ao chão para finalizar com o pé no pescoço do rapaz enquanto diz:

o homem de ontem à noite tinha duas escolhas: tornar-se uma versão melhor de si mesmo, ou sucumbir à fraqueza. Você deu a ele essa escolha, e a vida dele nunca mais será a mesma. Aquela noite, meses atrás, foi a melhor coisa que já aconteceu com você, e você sabe disso. Você é quem sempre quis ser. O karate mudou você. Canalize essa energia para aula de hoje à noite (A Arte..., 2019, 1h11min).

No filme, há três distintos momentos em que são apontadas diferentes formas de transformação na vida de Casey: querer se tornar aquilo que o "intimida", o que é dito por ele mesmo. Há também duas cenas posteriores nas quais o *sensei* se vale do que foi dito e troca o verbo "intimidar" por "temer", e finalmente valer-se do termo "odeia". Ou seja, há uma espécie de gradação no sentimento inicial apontado pelo próprio Casey. Mas é o professor que intensifica, assim como acentua no faixa amarela o desejo pelo "vermelho".

"PERCEBO AGORA QUE SER MULHER VAI IMPEDI-LA DE SER UM HOMEM"

Casey aparece fazendo a contabilidade do *dojo*, quando o *sensei* chega. Conversam sobre o cachorro, e há um pedido de desculpas, mas não por parte do professor. A turma infantil é oferecida para Casey, que acha estranho, já que Anna é muito mais experiente, além de ser quase faixa preta. Porém, o *sensei* afirma que ela jamais terá essa graduação, justamente por ser mulher. Assumira a turma infantil justamente por seu "instinto maternal", supostamente inerente à condição do feminino.

Antes de se dirigir para as costas de Casey e fazer-lhe uma massagem, o *sensei* diz: "percebo agora que ser mulher vai impedi-la de ser um homem" (A Arte..., 2019, 1h14min). Massageando os ombros do rapaz, prossegue dizendo:

há coisas na vida que os homens fazem e há coisas na vida que as mulheres fazem, e existem coisas que fazem juntos, como andar de bicicleta dupla ou sexo. Mas os homens andam de bicicleta para agradar as mulheres, e o sexo é o inverso disso. Karate... o karate é coisa para homens (A Arte..., 2019, 1h14min).

Após o treino noturno, o *sensei* escolhe algumas pessoas para acompanhar numa "missão". Casey está entre os escolhidos. Os portões dos fundos são abertos e o que se vê são as motocicletas que eram pilotadas por aqueles que agrediram o rapaz. Sob uma paleta de cor vermelha, a expressão de assombro no rosto daquele que não conseguiu recusar, ou até mesmo não viu saída para a tarefa de agredir gratuitamente uma pessoa que estivesse sozinha na rua.

Só que o escolhido para ser espancado foi justamente um policial à paisana. Sem perguntar previamente se estava armado, Anna desce da moto para agredi-lo. Assustado, atira de raspão na coxa da moça, e Casey corre para rendê-lo. Consegue desarmar o agente e desfere nele uma significativa quantidade de golpes, inclusive batendo sua cabeça contra o hidrante. Fogem, e ao chegar ao *dojo* ouvem a notícia de que o policial estava morto. Por tirar uma vida, Casey receberia uma listra vermelha em sua faixa no dia seguinte (não havia listras para instrutores, segundo o *sensei*).

Na cena seguinte, Casey pergunta a Anna como conseguira sua listra vermelha. Ela conta que havia alguém mais velho que ela no *dojo*, e que durante os treinos, mesmo sendo mais forte que ele, Anna se continha para respeitar a suposta hierarquia que existe no karate. Na época, o *dojo* tinha apenas um vestiário. Ela era obrigada a esperar a troca de roupa masculina para depois adentrar ao local. Numa ocasião em que estava sozinha lá, fora covardemente atacada por esse colega. Anna teve a satisfação de estrangulá-lo em sua própria faixa.

Ao abrir a porta de sua casa, Casey se depara com um pastor alemão adulto em sua sala, e um bilhete assinado pelo *sensei*: “seja o alfa, ou ele morderá sua garganta”. Sai novamente da residência e retorna sozinho ao *dojo*. Lá encontra Henry, que retorna ao local para se enforcar com sua própria faixa. Casey descobre que há um crematório no local, e uma sala com fitas VHS. Assiste àquela que tinha seu nome e fica sabendo de outros detalhes sobre quando fora atacado. Thomas queria matá-lo para conseguir a listra vermelha; o *sensei* corrobora para que isso acontecesse. Mas é Anna quem impede, dizendo que seus ouvidos femininos eram mais sensíveis e ouvia o som de sirenes se aproximando.

“EU VOU TE MATAR”

Na manhã seguinte, o *sensei* encontra o corpo de Henry e providencia lá mesmo sua cremação, e segue calmamente com seus afazeres, como se tivesse resolvido só mais um corriqueiro imprevisto: passa o aspirador na área de treino, e lava o banheiro do local. Depois disso, aparece vestido com seu traje preto, contemplando a figura do “grão-mestre”. Atrás dele chega Casey, que tira seus tênis, faz a reverência para adentrar no local, ajoelha-se e anuncia: “eu vou te matar” (A Arte..., 2019, 1h31min).

Casey lista possíveis motivos para assassinar o *sensei*, mas afirma que fará isso simplesmente porque o odeia e que quer ser a razão para que Leslie pare de respirar. “Leslie”, o verdadeiro nome do *sensei*, que era ainda mais feminino que “Casey”. Amedrontado, diz que poderia tornar Casey faixa preta, que poderia pular as outras faixas. Mas quando fica sabendo que estava sendo desafiado para um combate desarmado, aceita após advertir que era melhor em combate.

Como um Rambo magricelo, a cena seguinte é Casey colocando seu traje de treino, que arremata sua troca de roupa colocando a listra vermelha em sua faixa amarela.

Retorna ao local de prática e lá está o sensei, pronto para o embate. Ao invés de retribuir a reverência para iniciar a luta, Casey simplesmente saca a pistola escondida e atira sem hesitar bem no meio da testa do professor. Caminha até o cadáver e profere os dizeres que já vinha pensando em pronunciar no momento:

Primeiro, você diria que usar isto me torna um homem fraco. Sem dúvida, é verdade. Mas eu estou vivo, e você está morto, então eu diria que você foi mais fraco. A segunda coisa é de um filme que vi uma vez. Eu não obedeci às regras. Mas nunca houve nenhuma regra (A Arte..., 2019, 1h35min).

Na aula da noite, os alunos estão perfilados e Casey anuncia que derrotou o *sensei* num combate até a morte. Mostra seu dedo sujo de sangue e explica que havia usado a técnica que somente o grão-mestre sabia: perfurar o crânio do inimigo com o indicador. Descobre que Thomas havia matado seu cachorro e o ataca com o pastor alemão. Entrega a faixa preta que tomara de Leslie e entrega a Anna, que assume a turma, e faz seu importante discurso: "até hoje, vocês aprenderam que violência é força e compaixão é fraqueza. Essa ideologia é limitante. É possível ser brutalmente tolerante ou pacificamente selvagem" (A Arte..., 2019, 1h39min).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente. Trata-se de uma outra atitude com relação ao objeto-filme, que, aliás, pode trazer prazeres específicos: desmontar um filme é, de fato, estender seu registro perceptivo e, com isso, se o filme for realmente rico, usufruí-lo melhor (Vanoye; Goliot-Lété, 2008, p. 12).

Durante meses o filme *A Arte da Autodefesa* foi para mim uma espécie de *kata* que eu repetia e revisitava trechos não apenas para rememorar, perceber detalhes, ouvir as falas no original, em inglês, mas também para que meu olhar, minhas percepções e afetos sempre se transformassem a cada nova apreciação da obra. Para este artigo, procurei fazer um *bunkai* da película, descrevendo e decompondo seus elementos, bem como discutindo suas possibilidades de sentido.

Segundo pesquisa etnográfica realizada por Gonçalves; Turelli e Vaz (2012, p. 154), em práticas como o karate, existe uma "pedagogia da dor e do sofrimento", que é tida como "algo normal, corriqueiro, necessário, edificante e também prazeroso". Essas práticas representam, para seus sujeitos "projetos de

vida que supõem relações sociais de pertencimento e toda uma dinâmica em torno das suas especificidades, configurando-se como importantes conformadoras de identidades e subjetividades” (Gonçalves; Turelli; Vaz, 2012, p. 155).

Porém, experiências que tive com o karate em Okinawa instigam a questionar se essas relações são intrínsecas à prática. No mesmo ano em que assisti ao filme pela primeira vez, enquanto realizava meu estágio em Toyama, tive duas oportunidades para estar em Okinawa e praticar karate com meu *sensei*, Morinobu Maeshiro. Logo após um dos treinos, ele me chama e aponta para uma pequena, quase invisível flor, dentre as muitas plantas que ficam em frente ao local.

“Cheire essa florzinha”, ele me pediu. Realmente tinha um aroma muito agradável. Era sutil, um pouco ácido e penetrante. Olhei para meu mestre e ele sorria como uma criança, dizendo: “é gostoso, né?!”. Nesse instante, tudo que eu havia praticado naquela noite parecia que não havia acontecido. Esqueci tudo, tinha entranhado em mim aquele conjunto de acontecimentos. Um *sensei* de graduação máxima no karate, reconhecido internacionalmente, atual presidente de uma respeitada entidade em Okinawa e cujo *dojo* é frequentado por pessoas de diversos países, me pedia para cheirar uma até então despercebida florzinha. Além disso, sorria com sinceridade e pureza.

Não sei se ele fez isso de forma deliberada, para que eu aprendesse algo. Sinceramente, acredito que não. Sua atitude foi somente consequência da pessoa que ele é. Neste dia eu pude experimentar o quão violenta pode ser a delicadeza, a ponto de me fazer esquecer o que havia treinado por duas horas. “Os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra”, (Deleuze; Guattari, 2012, p. 18). Pois posso dizer que senti a flechada no coração. Fui dominado pela forte simplicidade e intensa suavidade da doçura daquela atitude.

Senti uma força que não vinha de nenhum gesto violento. Era “pacificamente selvagem”. Não me recordo quais foram as lições técnicas daquele dia, mas me lembro daquele gesto “brutalmente tolerante”. O que me faz apontar que assim como as páginas da revista que Casey leva para casa, o karate com o qual se envolve é também decalcado, uma cópia medíocre e delirante da prática corporal de Okinawa. Casey é colonizado, tal como Okinawa e também o karate o foram. É o oprimido querendo oprimir; o ferido tentando ferir.

Casey, que era ignorado, hostilizado, agredido, é amparado pelo grupo do infame *dojo*, onde encontra a oportunidade para suprir sua personalidade supostamente frágil e “feminina”, tornando-se aquilo que teme. É um anti-herói, que aparenta obedecer às regras, mas que acaba se desfazendo de todas elas.

Assim, o karate que muitas pessoas consideram “verdadeiro”, ou “raiz” não seria também maneiras convenientes de compreender a referida arte marcial, de

acordo com certos interesses? O karate do filme *A Arte da Autodefesa* beira o delírio, mas e o que se tem feito dele na atualidade, não estaria também legitimando práticas que insistem em afirmar que “violência é força”? O karate da película é sem dúvida uma fantasia, mas e o karate que temos feito, o que haveria de real nele?

FINANCIAMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor não tem conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto.

REFERÊNCIAS

A ARTE da autodefesa. Direção e Produção de: Riley Stearns. [S. l.]: Youtube Filmes, 2019. Independente (1h44min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2MRNiKxsUeg>. Acesso em: 5 jun. 2024.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

Gonçalves, Michelle Carreirão; Turelli, Fabiana Cristina; Vaz, Alexandre Fernandez. *Corpos, Dores, Subjetivações: Notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. Movimento*. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 141-158, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/27166/21143>. Acesso em:

CHARNY, Israel. *Anatomia do Genocídio: Uma psicologia da agressão humana*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Cinema 1- A imagem-movimento*. São Paulo: Editora 34, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, Michel. A Filosofia Analítica da Política. *In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos, volume V: Ética, sexualidade, política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MAOR, Maya. Fighting Gender Stereotypes: Women's participation in the martial arts, physical feminism and social change. *Martial Arts Studies* v. 7, p. 36-48, 2018. Disponível em: <https://mas.cardiffuniversitypress.org/articles/10.18573/mas.56>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SCHILLER, Kay. Masculinities in Martial Arts and Combat Sports: An interdisciplinary issue. *Sport in History*. v. 4, n. 3, p. 291-295, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17460263.2020.1784510>. Acesso em: 5 jun. 2024.

TREVISAN, João Silvério. *Seis Balas Num Buraco Só: A crise do masculino*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

VANOYE, Frances; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a Análise Fílmica*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2008.

Recebido em: 17 jun. 2024
Aprovado em: 5 ago. 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

